

AUGUSTO DOS ANJOS, O DISCURSO DA DOR E O PRENÚNCIO DA POESIA MODERNA

Telenia Hill

UFRG

Augusto dos Anjos viveu poeticamente o seu tempo, nele instalando a palavra denunciadora do mistério.

A 20 de abril de 1884, no Engenho do Pau d'Arco na Paraíba, nasce Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos. Augusto logo se torna *angusto*, pelo ambiente de decadência que testemunha. Oito anos após seu nascimento, os engenhos de Pau d'Arco e Coité, de propriedade de familiares de sua mãe, são hipotecados. Com o agravamento da situação financeira, as propriedades são vendidas e Augusto vai morar na cidade.

Além de outros fatos, a ausência do braço escravo e a queda do regime monárquico provocam a derrota da classe latifundiária no Nordeste. O capitalismo inicia seu curso. E desde aí, já com a sua contradição de progresso para uns e miséria para outros.

Em 1903 Augusto ingressa na Faculdade de Direito do Recife, onde privará com as doutrinas materialistas e evolucionistas de Comte, Haeckel, Darwin e Spencer, que tanto marcarão sua vida e sua arte.

Convivendo com o sofrimento e com a doença, de si e de seus semelhantes, o poeta paraibano assume uma postura aparentemente derrotista, mas que conduz à profunda reflexão sobre o estar no mundo, em constante ausculta da abrangência dos seres e dos fatos.

Sou uma sombra! Venho de outras eras,
Do cosmopolismo das moneras...
Polipo de recônditas reentrâncias,
Larva de caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias!

Augusto dos Anjos situa-se na poesia brasileira entre o parnasianismo e o simbolismo, as duas tendências reinantes da época e que atuaram na sua formação. Entretanto, a elas não se filia integralmente, uma vez que ele salta das alturas esteticistas em mergulho à realidade prosaica.

Como um pouco de saliva quotidiana
 Mostro meu nojo à Natureza Humana.
 A podridão me serve de Evangelho...
 Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques
 E o animal inferior que urra nos bosques
 É com certeza meu irmão mais velho

(Monólogo de uma sombra)

Enfrentando a depressão econômica, um dos refúgios da sociedade brasileira é a literatura, que, na época, se compraz com as filigranas da forma. A literatura adquire, pois, uma dimensão erudita, à qual Augusto dos Anjos não está infenso, mas à qual também não se rende.

O poeta fixa a presença do homem na literatura brasileira numa óptica que, além de pessimista, é dolorosamente solitária.

Apesar de ainda registrar-se a dependência literária do estrangeiro no contexto da transição do século XIX para o XX, surgem obras significativas como os romances de Machado de Assis ou *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Esse mesmo contexto justificará o aparecimento da obra poética do vate paraibano que, por seus atributos, vai prenunciar a nova poesia, convencionalmente chamada *poesia moderna*.

Ferreira Gullar, em estudo substancioso que faz sobre o poeta do *Eu*, questiona: Como se oculta o novo na poesia de A. dos Anjos?

E ele mesmo responde:

Por efeito da mesma atitude radical que, fazendo-o romper com as conveniências verbais e sociais da poesia, levou-o a disputar o poético à podridão dos cemitérios e à vulgaridade dos prostíbulos, a mesclar a beleza ao asco e, como uma espécie de defesa, a armar-se de um vocabulário “científico”, prestigioso, que impõe à sua linguagem o selo da época e ameaça “datá-la”.⁽¹⁾

Com Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé, assiste-se ao rompimento paulatino com as amarras do antigo. O real vai deixando de colorir-se roseamente.

Ao invés de alhear-se à “torre de marfim”, o poeta aterrissa na realidade objetiva e renuncia ao exagero de atavios formais da linguagem. Esta refletirá a nova situação social do homem, com o advento da máquina e da mentalidade capitalista. A concepção de temas naturalmente poéticos se neutraliza, e a poesia se opera num trabalho de transfiguração da palavra, em que o prosaico é o móvel *acionador*, e o *homem-poeta* é o agente. O poema é o lugar onde se consuma a experiência da linguagem. Por meio dele, a poesia empreende o resgate da contradição entre o sujeito e o mundo:

Como uma cascavel que se enroscava
A cidade dos lázaros dormia...
Somente, na metrópole vazia,
Minha cabeça autônoma pensava!

Mordia-me a obsessão má do que havia,
Sob os meus pés, na terra onde eu pisava,
Um fígado doente que sangrava
E uma garganta órfã que gemia!

Tentava compreender com as conceptivas
Funções do encéfalo as substâncias vivas
Que nem Spencer, nem Haeckel compreendera...

E via em mim, coberto de desgraças,
O resultado de bilhões de raças
Que há muitos anos desapareceram!

(Os doentes)

A quotidianidade dos temas é uma característica constante na obra de Augusto dos Anjos e o leitor se surpreende com o choque de palavras incomuns e com a construção e imagens, como se pode atestar o poema *Os doentes*. Registre-se também a simultaneidade de emprego do coloquial e do erudito, além de outros recursos que constata a modernidade da poesia augustiana.

Augusto dos Anjos empreende o discurso da dor. Em vez de ser marcado como um autor cientificista, deve, num estudo reflexivo, ser reconhecido como o pomotor da conscientização profunda do humano, por desvendá-lo desabridamente, operando um tratamento de choque nas sensibilidades empedernidas.

Evidenciando um amor originário que se dirige ao cadáver de seu pai em estado de decomposição, ele o substancia no gene que transmite a seu filho natimorto:

Amo meu pai na atômica desordem
 Entre as bocas necrófagas que o mordem
 E a terra infecta que lhe cobre os rins

(*Toda a poesia de Augusto dos Anjos, 37*)

.....

Porção de minha plásmica substância
 Em que lugar irás passar a infância
 Tragicamente anônimo a feder?!...

(*Ibidem, 27*)

Difícil se torna aceitar essa postura de Augusto dos Anjos como um ato de amor. Entretanto, ao totalizar a compreensão do humano no que há de mais recôndito e repugnante, o poeta amou mais: não excluiu do humano a etapa de decomposição.

Pensador é quem aprende com a experiência de viver.

E “viver é nascer, crescer, amadurecer e morrer a todo instante”.⁽²⁾ O percurso do viver, Augusto dos Anjos delimitou-o entre Eros e Thanatos, Amor e Morte. Como registra a lenda, as aljavas de ambos se misturaram, e as feridas do amor se tornaram mortais.

Viver é acolher as vicissitudes do processo de viver e morrer. E Leopardi nos lembra:

Irmãos a um mesmo tempo, Amor e Morte
 Engendram a sorte.⁽³⁾

Augusto dos Anjos, apesar da fisionomia macabra de sua poesia, foi sensível a todo tipo de experiência, num enriquecimento constante do homem e do artista. A idéia de transformação ininterrupta encontra fundamento no próprio processo de multiplicação dos seres. Viver é dar-se, perpetuar-se. Dar-se é morrer!

Fator universal do transformismo
 Filho da teleológica matéria,
 Na superabundância ou na miséria,
Verme – é o seu nome obscuro de batismo.

(O deus verme)

Amar em espírito é compartilhar. Os homens complacentes com o seu próximo perscrutam-se em sua própria miséria, sua superficialidade, seu nada. Volvendo os olhos a seus semelhantes, eles os verão também miseráveis, superficiais e ausentes de Tudo. Eles os amarão. E se é doloroso um dia cessar de ser, seria talvez mais doloroso continuar sempre a ser o mesmo, sem poder, ao mesmo tempo, *ser todo o resto, ser outro*.

Se tu lanças sobre o Universo um olhar mais estreito e te contemplas a ti mesmo; se tu te sentes descontente de contemplar todas as coisas e se elas se fixam em tua consciência e deixam traços dolorosos, tu chegas ao prejuízo da existência, ao poço sem fundo da vaidade das vaidades. Mas, apesar de tudo, compartilharás com o Amor universal:

Homem! por mais que a Idéia desintegres,
 Nessas perquirições que não têm pausa,
 Jamais, magro homem, saberás a causa
 De todos os fenômenos alegres!

Em vão, com a branca enxada árdega, sondas
 A estéril terra, e a hialina lâmpada oca,
 Trazes, por perscrutar (oh! ciência louca!)
 O conteúdo das lágrimas hediondas.

Negro o sem fim é esse em que tu mergulhas
 Lugar do Cosmos, onde a dor infrene
 É feita como é feito o querosene
 Nos recôncavos úmidos das hulhas!

Porque, para que a Dor perscrutas, fora
 Mister que, não como és, em síntese, antes
 Fosses, a refletir teus semelhantes,

A própria humanidade sofredora!

A universal complexidade é que Ela
Compreende. E se, por vezes, se divide,
Mesmo ainda assim, seu todo não reside
No quociente isolado da parcela!

Ah! Como o ar imortal a Dor não finda!
Das papilas nervosas que há nos fatos
Veio e vai desde os tempos mais tansatos
Para outros tempos que hão de vir ainda!

(As cismas do destino)

O amor universal faz contemplar os astros. E se se chega a ter piedade de uma pobre estrela que desapareceu um dia do céu, é porque dela se apreende uma consciência mais ou menos obscura, que a faz sofrer de não ser mais que uma estrela e de ter um dia de cessar de sê-lo. Consciência é conhecimento dividido, é con-sentimento; e con-sentir é compartilhar. Amar a estrela implica mobilizar-se para conscientizá-la, personificá-la.

Quando o amor é tão intensamente grande, forte, vivo, transbordante, ele ama tudo, e a tudo alimenta numa personificação totalizadora; a tal ponto que o Universo passa a ter vida de Pessoa, passa a ter *Consciência*. E, por seu turno, *sofre, compartilha, ama*.

A consciência do Universo que se personifica pelo amor é o Absoluto, o Imponderável, que alguns chamam de Deus. O homem tende ao *tudo* personificador para salvar-se do *nada*; e um mistério verdadeiramente profundo é o mistério da *dor*, tão enfaticamente retratado na poesia de Augusto dos Anjos.

A *dor* é o caminho da consciência; por meio dele o ser chega à *consciência de si, a saber-se, a saborear-se, a sentir-se distinto dos outros seres*, pela sensação do choque de seu próprio limite, quando reconhece que a muito aspira e nada pode.

Pela vivacidade da imaginação, e pela profundidade de sua vida interior, Augusto dos Anjos comunicou-se com tudo e com tudo comungou, enlaçado pela *dor*. Ele sentia da mesma maneira a dor do homem, a do animal, e a de uma árvore a que se arrebatou um galho. E, como homem, realiza um crescente processo de identificação com todos o seres. Em Debaixo do tamarindeiro, ele nos diz:

Quando pararem todos os relógios
De minha vida, e a voz dos necrológios
Gritar aos noticiários que eu morri,

Voltando à patria da homogeneidade,
Abraçado com a própria Eternidade
A minha sombra há de ficar aqui.

Pensa-se e conhece-se para viver. Augusto dos Anjos, levado ao paroxismo da sensibilidade no panorama da vida, polariza o processo estético entre o mundo objetivo e a figura do poeta. Seu estro dialetiza toda a contraditoriedade das coisas percíveis, e o prazer se inteira com a dor:

Asa de corvos carniceros, asa
De mau agouro, nos doze meses,
Cobre às vezes o espaço e cobre às vezes
O telhado de nossa própria casa...

Perseguido por todos os reveses
É meu destino viver junto a essa asa,
Como a cinza que vive junto à brasa,
Como os Goncourt, como os irmãos siameses!

É com essa asa que eu faço este soneto
E a indústria humana faz o pano preto
Que as famílias de luto martiriza...

(Asa de corvo)

Numa simbiose abissal do humano com o estético, pode-se afirmar que Augusto dos Anjos vivificou a arte. Ao apreender o belo artístico, cingiu-o com a dor e com a morte.

BIBLIOGRAFIA

1. AMARAL, Márcio Tavares d'. *Eu, indivíduo*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985. 73 p.
2. GULLAR, Ferreira. *Toda a poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. 201 p.
3. HEGEL, G.W.F. *Phénoménologie de l'esprit*. Trad. De Jean Hyppolite. Paris, , Aubier/Ed. Montaigne, s.d., p. 1-77.
4. HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Trad. de E. Carneiro Leão. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967. 160 p.
5. ----- . L'homme habite en poète... In: ---. *Essais et conférences*. Trad. de André Préau. Paris, Gallimard, 1973. P. 224-245.
6. HILL, Telenia. *O trajeto da imanência*. Rio de Janeiro, Antares, 1981. 113 p.
7. LEÃO, E. Carneiro et alii. *A crise do pensamento moderno*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967. 160 p.
8. LEÃO, E. Carneiro. Heidegger e a modernidade. A correlação de sujeito e objeto. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 50: 3-36, 1977.
9. ----- . *Aprendendo a pensar*. Petrópolis (RJ), Vozes, 1977. 269 p.
10. ----- . Definições da filosofia; palestra no Curso Fragmentos de Heráclito, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983.
11. MORA, José Ferrater. *Diccionario de filosofía*. Buenos Aires, Sudamericana, 1971. 2 v.
12. PAZ, Octavio. *El arco y la lira*. México D. F., Fondo de Cultura Económica, 1973. 307 p.
13. PICCHIO, Luciana Stegagno. *La letteratura brasiliana*. Firenze/Milano, Sansoni e Accademia, 1972. 594 p.
14. SARTRE, Jean Paul. *El ser y la nada*. Trad. de Juan Valmar. 3 ed. Buenos Aires, Losada, 1972. P. 1-56.
15. ----- & FERREIRA, Vergilio. *O existencialismo é um humanismo*. Lisboa, Presença, 1978. 307 p.
16. UNAMUNO, Miguel de. *Le sentiment tragique de la vie*. Paris, Gallimard, 1937. 382 p.

NOTAS

1. GULLAR, F., p. 29.

2. LEÃO, E.C. (1983) Palestra.
3. UNAMUNO, M. (1937) p. 160.